



Urbano Bettencourt

Basalto de Ana Franco

No final do ano passado, um debate literário promovido em Ponta Delgada tinha como tema a seguinte interrogação: «Para que serve a poesia?»

Tendo em conta que ninguém anda a perguntar para que serve um chapéu ou uma cadeira, a pergunta sobre a utilidade da poesia já revela alguma coisa sobre ela, sobre o lugar que lhe é reservado no universo utilitário em que nos movemos e em que, aparentemente, todas as coisas precisam de ser avaliadas e apreciadas pelo seu valor de uso. E mesmo que a pergunta em causa possa assentar na ambiguidade relativa ao verbo *usar*, a verdade é que a discussão à sua volta e as opiniões suscitadas por ela são capazes, ainda assim, de trazer a público alguns tópicos para uma reflexão sobre a não-utilidade de algumas práticas sociais, de teor mais coletivo ou mais individual – *não-utilidade* entenda-se no sentido de não se lhe poder extrair valor imediato e mensurável: e, afinal, é por aqui que se situa o campo das diversas artes, como objecto de realização e de fruição individual que só em diferido ganha contornos de fruição pública e social.

Historicamente, sabe-se, a arte oscilou entre os extremos da «arte pura», fechada sobre si mesmo e atenta aos seus processos, e a «arte social», militante, a «arte ao serviço» (José Régio) de uma causa, de uma ideia, e esquecida dos procedimentos expressivos próprios do trabalho literário – neste último caso, a arte serve para combater os males do mundo e (supostamente) transformá-lo.

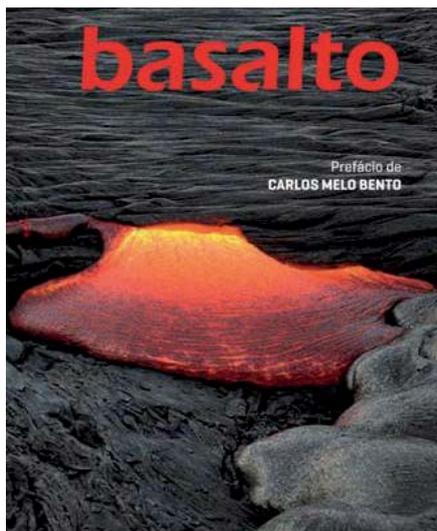
Sem tomar como dado absoluto o aforismo estafado de que no meio está a virtude, creio que é possível encontrar um ponto de equilíbrio em que a preocupação estética vai a par com um eco do mundo, seja ele o exterior, objectivo, seja o íntimo, subjectivo, em que mesmo o mundo exterior pode surgir como matéria transfigurada – em que poesia *servirá* para isso: para constituir-se o lugar de um diálogo com a língua e com o real que nela repercute.

Em todo o caso, creio que será muito mais funcional e produtivo determo-nos numa outra pergunta: «porque se escreve poesia?» ou ainda «porque escrevo poesia?» – uma forma de deslocar o assunto para o plano da motivação pessoal, numa perspectiva muito mais individualizada e circunstancial: «Escrevo porque...»

A sequência da afirmação há-de ser completada, porém, no interior do próprio texto, através daquilo que ele nos informa sobre as relações entre o sujeito poético e a sua produção verbal, os modos como aí se ergue uma voz em busca de um equilíbrio entre a emoção (em termos muito vastos) e a linguagem.

Basalto, o novo livro de Ana Franco, é constituído por um Preâmbulo e um conjunto de (aparentes) sequências (ou secções) de dimensões diferentes e cada uma subordinada a um texto-prólogo que, de forma mais ou menos breve, funciona como apresentação dos diferentes textos que a integram – alguns deles retomados do seu livro anterior *Brisas* (2016). Mas essa diversidade temática facilmente observável está, no entanto, ressaltada por um título tão abrangente como *Basalto*, elemento indiciador de um determinado espaço insular e, por extensão, das vivências individuais e colectivas que lhe estão associadas.

Enquanto texto introdutório e orientador da leitura, o «Preâmbulo» apresenta, neste caso concreto, uma reflexão sobre a palavra como entidade autónoma e capaz de imprimir ou de transpor já não apenas para o papel mas para o ser humano a diversa realida-



de do mundo, transformada em Beleza. Trata-se, no fundo, de situar a fruição da Beleza como experiência individual e transfiguradora, um tópico que ao longo do livro será explorado em diferentes momentos e por referência a outros meios como a música, a pintura, a escultura.

O diálogo com outras expressões artísticas ou mesmo com objectos artísticos concretos constitui, aliás, um dos núcleos temáticos de *Basalto*: podemos ver isso, por exemplo, na interpelação a Tomaz Borba Vieira por interposição do seu quadro «Os Regressantes» ou a Ricardo Bensaúde, mediante o seu retrato – num género de descrição de uma obra de arte (*ekphrasis*) que é também já uma leitura ou interpretação; mas podemos pensar ainda, e num outro domínio, no poema sobre Victória de Samotrácia ou naqueles para o escultor Lagoa Henriques.

O diálogo com a literatura trava-se por interposta figura de Raul Brandão e do seu livro *As Ilhas Desconhecidas*, uma obra inescapável no âmbito da literatura portuguesa de viagens e também no quadro da escrita resultante de viagens aos Açores (sobre ela acaba de sair o livro de Vasco Medeiros Rosa, *Raul Brandão e os Açores: Motivo, edição e recepção*. Companhia das Ilhas, 2019); diálogo momentaneamente crítico por causa do episódio violento da matança de botos/golfinhos, mas sobretudo empático e admirativo do «pintor da palavra» a quem faltou uma infância açoriana, sem que isso o tenha impedido de «ser um dos nossos».

A infância estabelece-se, aliás, como um momento fundador na vivência e na personalidade do sujeito poético porque tempo de apren-

dizagem do mundo e das formas de olhar para ele e decifrá-lo: «Infância, berço de Vida» (p. 57).

Mesmo à distância no tempo, a escrita é ainda o lugar (talvez o último) em que se pode convocar as memórias, as imagens e os sons – matéria, afinal, do canto que neste livro ganha forma. E se a *Natureza* se reporta genericamente aos Açores enquanto realidade física e geográfica geral (o mar, o basalto), noutros poemas ela concretiza-se em elementos botânicos (erva azeda, o plátano, o dragoeiro, a buganvília) sobre os quais se projecta um olhar afectuoso por pertencerem ou terem pertencido já a um mundo pessoal e íntimo; em sentido inverso são as imagens do mundo natural que depois de interiorizadas se tornam metáfora desse mundo íntimo e ajudam a configurá-lo enquanto realidade inquietada e instável e sempre incapaz de completar-se («Quem sou?», p. 17).

Num dos poemas iniciais de *Basalto*, pode ler-se o seguinte: «...os faróis na estrada da Vida são / a Fé / a Natureza / o Mar» (p. 4). Trata-se de uma afirmação que delinea um programa de vida, um modo de estar no mundo e de interpretá-lo assente nos três factores nomeados. Numa primeira leitura, ela surge circunscrita ao sujeito poético, tem um alcance individual, mas no contexto discursivo o seu alcance amplifica-se na medida em que o eu poético se enuncia integrando um «nós», isto é, como elemento de um grupo, o(s) açoriano(s). E por aqui se compreendem os poemas de âmbito religioso, embora o religioso englobe elementos que o ultrapassam, em termos etnográficos e sócio-culturais.

De modo muito genérico podemos dizer que esta poesia se constrói como um processo de religação e articulação de imagens do mundo, fazendo-as produzir sentido ou sentidos, um mundo de natureza principalmente insular ou observado sob uma perspectiva insular – nela entram ainda elementos que relevam da formação artística da autora, e seria mesmo de pensar se determinados processos de escrita (a descrição por acumulação lexical) não terão a ver com isso. Um mundo entrevisto à distância no espaço e no tempo, que é uma forma de dizê-lo perdido, mas que a poesia se encarrega de recuperar, mesmo que imaginariamente apenas (mas, enfim, parece que a poesia *serve* para isso).

Texto lido na apresentação de Basalto no Centro de Estudos Natália Correia, a 29.11.2019



Proça do Município - 9504-523 PONTA DELGADA
Telefone 298 304 400 - Fax 298 304 401 - N.º Verde 800 205 479
www.cm-pontadelgada.pt - geral@mpdelgada.pt
NIPC: 512 012 814

EDITAL

Pedro Filipe Rodrigues Furtado
Vereador da Câmara Municipal de Ponta Delgada:

Torna público que fica interrompido o trânsito, no período das 12:30 e às 14:00 horas, no próximo dia 15 de fevereiro (sábado), na Rua dos Foros, freguesia de São Sebastião, em consequência dos trabalhos de betonagem num edifício sito naquele local.
Paços do Concelho de Ponta Delgada, 13 de fevereiro de 2020.

Pedro Filipe Rodrigues Furtado
Vereador